

## CINEMA LÉSBICO EXPERIMENTAL: REPRESENTATIVIDADE E RESISTÊNCIA

FERNANDA ÖBERG DE MIRANDA<sup>1</sup>; IVONETE PINTO<sup>2</sup>

<sup>1</sup>Universidade Federal de Pelotas – [feroberg@gmail.com](mailto:feroberg@gmail.com)

<sup>2</sup>Universidade Federal de Pelotas– [ivonetepinto02@gmail.com](mailto:ivonetepinto02@gmail.com)

### 1. INTRODUÇÃO

É notável a importância do audiovisual, do cinema e das artes para que cada indivíduo consiga se expressar e construir um espaço seguro e de registro: “os discursos e os sistemas de representação constroem os lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e a partir dos quais podem falar” (WOODWARD, 2014 p. 17). Entretanto, quando pautamos a lesbianidade, o discurso da heterossexualidade repousa como um impedimento, pois “nos oprime no sentido de que nos impede de nos falarmos a não ser que nós falemos em seus termos” (WITTIG, 1980 p. 105 apud LAURETIS, 2019 p. 141). Acredita-se que é na tentativa de propor um novo olhar que o cinema lésbico rompe com antigos paradigmas. O olhar das mulheres, sobretudo das lésbicas, traz um novo arranjo político e estético na construção de novas imagens dentro do meio cinematográfico. O retrato do amor entre mulheres ajuda a compor novas ferramentas de visibilização, luta e resistência.

Este trabalho é fragmento de uma pesquisa TCC em andamento, em que busca se debruçar sobre o filme *O Par Perfeito* (1994), da diretora lésbica estadunidense Rose Troche, como fio condutor das questões suscitadas. Analisando a partir da teoria do campo dos estudos feministas materialistas e lesbofeministas, a pesquisa surge como consequência de um interesse pessoal (e comum às lésbicas) em buscar narrativas, representações, “escavar” e trazer à luz filmes que tomam para si o dever de dizer o *indizível* (RICH, 1966 apud BECHDEL, 2021). Igualmente busca-se compreender quais as especificidades que compõem o cinema lésbico, mais precisamente o cinema lésbico experimental e quais questões norteiam a criação desses filmes.

### 2. METODOLOGIA

A presente pesquisa está sendo realizada a partir de uma análise filmica sobre o longa-metragem *O Par Perfeito* (Rose Troche, 1994). Com o propósito de discutir e compreender as questões comuns da realidade lésbica e que também

estão representadas no filme, o trabalho tem como base teórica autoras feministas que discutem a lesbianidade e a cultura lésbica.

Para fins de comparação, bem como complementação da análise, será feita uma análise quantitativa visando levantamento e indexação dos filmes que compõem a filmografia lésbica experimental.

### 3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

O longa-metragem *O Par Perfeito* (1994) é um marco para o cinema lésbico mundial, mas chamar toda representação imagética lésbica de cinema lésbico é precipitado e inapropriado. Para tentar debater essa questão é preciso ir muito além do próprio filme. Em oposição ao longa em discussão, que se pode afirmar ser um filme marcadamente lésbico, está uma gama de outros que foram criados desde o cinema mudo e ao longo da história do audiovisual que trazem a existência lésbica como subtexto, como indagado por Alessandra Soares Brandão e Ramayana Lira de Sousa (2019) em "Será que realmente a vimos?". As possíveis lésbicas são como um fantasma que paira na imaginação das espectadoras e em outros casos a lésbica é uma figura mitica monstruosa, uma vampira ou para fins morais e punitivos a lésbica acaba morrendo como o caso da Sra. Danvers em *Rebecca, a Mulher inesquecível* (Alfred Hitchcock, 1940) e *Infância* (William Wyler, 1961). A morte por fim, não é uma solução cinematográfica, mas histórica, exemplo disso é a caça às bruxas, morte àquelas que desafiavam a ordem.

O cinema é um claro reflexo do silenciamento histórico das lésbicas. É inegável o poder das imagens de construir ideologias e sujeitos, como por exemplo a propaganda nazista de Joseph Goebbels, ou as propagandas durante a Guerra Fria que representava o *American Way of Life*. Na primeira sequência de *O Par Perfeito* aparece T. Wendy McMillian, que interpreta a personagem Kia. Ela é professora e durante sua aula pede aos alunos que façam "uma lista de mulheres que vocês acham serem lésbicas ou sabem que são lésbicas, ao longo da história e nos tempos atuais". Uma das alunas então indaga sobre o porquê de fazer uma lista com apenas suposições já que elas podem não condizer com a realidade. Kia responde colocando em questão o silenciamento que mulheres que se relacionam com mulheres afetiva e sexualmente sofreram ao longo da história, culminando na ínfima ou até mesmo nula falta de evidência sobre a vida e relacionamento dessas mulheres. Essa sequência leva à reflexão sobre a urgência das lésbicas em escrever suas histórias, seja através do cinema ou em outros campos da vida.

Rose Troche conversa muito com o experimentalismo imagético presente na direção de outras lésbicas, como na de Barbara Hammer. Apesar de Troche trazer maior linearidade narrativa, é com *O Par Perfeito* (1994) que essa relação fica clara, através de imagens sobrepostas, e cenas que representam o estado

psicológico das personagens, a montagem também traz certo experimentalismo estético e sonoro com sons extra diegéticos sinestésicos e ritmados, cumprindo excelentemente bem a ideia original de fazer um filme que pudesse ser saborear, cheirar e respirar como os livros (RICH, 2013 pg. 63).

É necessário que mulheres lésbicas tenham uma autenticidade própria, notando o que acontece consigo, escapando da necessidade de seguir normas ou as colocações impostas pela sociedade apenas para se encaixar. A partir dessa autenticidade, com consciência de si e dos próprios desejos, percebendo o que há de mais próprio em sua existência, mulheres lésbicas conseguem iniciar uma revolução que acabe com as identificações que são opressivas, podendo atingir o máximo de autonomia possível na sua expressão humana. (GLÓRIA, 2021 p. 121)

É também com o cinema que as lésbicas criam autenticidade, como o experimentalismo, tão caro às lésbicas desde Germaine Dulac. Ruby Rich escreveu em seu livro intitulado *New Queer Cinema* (2013), que depois viria a ser nome de um movimento, que *O Par Perfeito* (1994) é como um “coquetel molotov” lançado à multidão, inspirando um movimento de criação de filmes lésbicos independentes.

#### 4. CONCLUSÕES

Sendo produto de uma sociedade patriarcal, o cinema opera para “(...) reproduzir as estruturas socioeconômicas e o domínio masculino da ordem social dominante” (LAURETIS, 2019, p. 130 apud KELLY, 1984, p. 61) e sendo assim, não representar a existência lésbica dentro e fora das telas é uma estratégia política (RICH, 2019) para manter a ordem patriarcal e por consequência heterossexual.

*O Par Perfeito* (1994) resume o que se entende por cinema lésbico; representativo não apenas nas cenas, no roteiro, mas atrás das lentes. Apenas mulheres atravessadas por suas existências lésbicas e conscientes do desejo e importância de se ver representadas na tela poderiam criar. Esse é um filme que permite a filosofia de Adrienne Rich (2010) e o conceito do *Continuum Lésbico*, como forma de resistência ao apagamento da história lésbica, seja real. Para além de suscitar reflexões políticas ao espectador, *O Par Perfeito* (1994) é uma clara representação sobre a recusa lésbica ao *contrato heterossexual* (WITTIG, 2019) e à empresa patriarcal.

#### 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECHDEL, Alison. **O Essencial de Perigosas Sapatas**. São Paulo: Todavia, 2021.

BRANDÃO, Alessandra Soares e SOUSA, Ramayana Lira de. **A In/Visibilidade Lésbica no Cinema**. In: HOLANDA, Karla. *Mulheres de Cinema*. Rio de Janeiro: Numa, 2019.

GLÓRIA, Angélica. **Cuidado com mulheres lésbicas: prática clínica em psicologia**. Ed. da Autora, 2021.

LAURETIS, Teresa De. “A tecnologia do gênero”. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque. **PENSAMENTO FEMINISTA conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

RICH, Adrienne. **Heterossexualidade Compulsória e Existência Lésbica & Outros Ensaios**. Rio de Janeiro: A Bolha, 2019.

RICH, B. Ruby. “New Queer Cinema”. In: **New Queer Cinema**. Duke University Press, 2013.

WITTIG, Monique. “Não se nasce mulher”. In: DE HOLLANDA, Heloisa Buarque. **PENSAMENTO FEMINISTA conceitos fundamentais**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2019.

WOODWARD, Kathryn. “Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual”. In SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.